
O Patriarcado Como Barreira Para a Mulher no Jornalismo Esportivo: Uma Análise Exploratória Sobre a Copa de 2018¹

Izabelle de Souza BORGES²

Ayrton Senna Seraphim do AMARAL³

Andréa Ferraz FERNANDEZ⁴

Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, MT

Resumo

O presente artigo estudou como o fenômeno denominado cultura patriarcal é capaz de sabotar mulheres no mercado de trabalho, sendo o jornalismo esportivo o campo de atuação, e ainda delimitando a elas um pequeno espaço para compor esse cenário. A fim de explorar as relações de gênero, como classe dominante e dominada, e a difícil ascensão de mulheres nessa carreira predominantemente masculina e nos aproximar do fato, realizou-se uma pesquisa exploratória bibliográfica como metodologia. Este trabalho também abordou em sua discussão tópicos como a desigualdade de gênero presente no campo do jornalismo esportivo e a assimilação dos receptores de informação diante do gênero feminino. Tendo como recorte acontecimentos durante a Copa do Mundo de Futebol de 2018, que teve sede na Rússia.

Palavras-chave: Jornalismo Esportivo; Copa do Mundo; Gênero; Mulher; Patriarcado.

Introdução

Este artigo foi escrito buscando elucidar questões de diferenças de gênero na sociedade e a perpetuação do patriarcado, as motivações e causalidades que expliquem, mesmo que de forma esdrúxula, a violência que essas mulheres são submetidas apenas por buscar sucesso na carreira almejada e não corresponderem às expectativas de toda uma construção social. Buscou-se compreender como a comodidade patriarcal acaba

¹ Trabalho apresentado na IJ 1 – Jornalismo do XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste, realizado de 22 a 24 de maio de 2019.

² Estudante de Graduação, 3º Semestre do Curso de Comunicação Social habilitação em Jornalismo da FCA-UFMT, e-mail: izeborges@gmail.com

³ Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea da FCA-UFMT e orientador do trabalho. E-mail: ayrtonsenna1994@gmail.com

⁴ Professora do Curso de Comunicação Social da FCA-UFMT e orientadora do trabalho. E-mail: ferrazfernandez@gmail.com

por ocasionar em assédio moral, agressões físicas e verbais às jornalistas do campo de atuação esportivo.

Desde 1930, o acontecimento da Copa do Mundo de Futebol é esperado com fervor por inúmeros amantes do esporte, em 2018 não foi diferente, exceto por um acontecimento: pela primeira vez na história houve narração feminina em um jogo de Copa Mundial. Uma conquista louvável para aquelas que sonham em fazer carreira no jornalismo esportivo, ambiente dominado por homens, mas que acabou nos dando um show de horrores composto por violência, assédio e intimidações, nos trazendo à discussão presente e pertinente de até onde o patriarcado pode ser empecilho para mulheres ascenderem nas carreiras de jornalistas esportivas. Destaca-se que para o presente artigo o entendimento do conceito patriarcado se dá a partir de Saffioti (2004), que afirma como o patriarcado se trata de uma doutrinação e exploração das mulheres para benefício dos homens.

As universidades dos cursos de Comunicação Social e Jornalismo estão repletas de mulheres apaixonadas por esportes, que acabam tendo de aceitar o construto social de rosto bonito para réporter dentro de sua profissão tanto por necessidade de emprego e renda quanto por receio de lidar a enorme barreira construída para o gênero feminino não ultrapassar. Barreira essa que dificulta a entrada de mulheres no meio da profissão almejada e mercado de trabalho, em geral. Dessa forma, acaba-se por ter baixa representatividade feminina nesse ambiente e até mesmo inspirações para as futuras jornalistas.

Apesar parecer surreal para a contemporaneidade, as mulheres enfrentam mensagens de ódio, apenas por exercerem quem são, e, por esse motivo, aborda-se a urgência de se discutir a vulnerabilidade das mulheres diante desse tipo de desigualdade sociocultural. Mulheres estão sujeitas a agressões todos os dias no local de trabalho, rua, dentro de casa etc. Quando se pertence a um gênero não empoderado por natureza a ascensão em diversos aspectos da vida como cargos profissionais não esperados para uma mulher, instala-se um ruptura com as normas e um pavor no gênero dominante. Conforme afirma Saffioti (2004, p. 27), “Como o homem foi educado para ir à caça, para, na condição de macho, tomar sempre a iniciativa, tende a não ver com bons olhos a atitude de mulheres desinibidas (...)”.

Esse artigo pretende discutir, também, o porquê de o patriarcado ser um ponto expressivo disparador de ódio, comentários maldosos e atitudes de bloqueio para determinados espaços profissionais, resultando, conseqüentemente, em empecilho para as mulheres acerca das expectativas de qual o lugar reservado para elas conforme a visão do homem.

Metodologia

Foi realizada uma pesquisa qualitativa exploratória bibliográfica para a construção do presente estudo. Após uma leitura exploratória, optou-se por utilizar os seguintes três pontos para guiar a pesquisa:

- (1) Matérias dos jornais digitais: El País e UOL, por serem jornais de grande visibilidade com conteúdos disponibilizados online. O El País é um diário espanhol com grande influência mundial, sendo o maior da Espanha, o UOL é brasileiro e possui grande impacto aqui.

A matéria do site El País foi escolhida por ser o *insight* da necessidade de esclarecimentos sobre a realidade de mulheres em um meio tão machista. Já a matéria do UOL serviu para exemplificar o tipo de tratamento que o gênero feminino está sujeito a receber, uma vez que dentre 49 comentários apenas sete se mostraram não contrários às mulheres desempenhando funções no meio esportivo. Para chegar a esse número, todos os comentários foram lidos e avaliados um a um. Depois, foi feita uma triagem para dizer quais eram favoráveis ou não às narradoras e, por fim, o site foi organizado em ordem crescente dos comentários mais curtidos para os menos curtidos, podendo assim mensurar o apoio que cada tipo de comentário recebeu. A partir disso, foram separados os três comentários mais curtidos e os três menos curtidos.

As duas matérias serviram para fins distintos que se complementaram. Enquanto a matéria no site UOL tratou sobre jornalistas que estavam o tempo todo dentro de um estúdio, a do El País retrata o oposto disso. Essa comparação serviu para visualizar as duas vertentes de pensamentos sobre a presença das mulheres na profissão de jornalistas esportivas e como os homens, maiores propagadores do patriarcado, reagem a tal cenário.

-
- (2) O livro “*Gênero Patriarcado Violência*”, 2004, de Heleieth Saffioti; O livro de Heleieth foi responsável pela conceituação do termo patriarcado e como ele pode influenciar na violência.
 - (3) O artigo “*Gênero: Uma categoria útil para análise história*”, de 1986, de Joan Scott. O artigo de Scott, foi de grande importância para compreensão histórico a respeito da construção e concepção do conceito gênero.

Para a presente pesquisa, o livro “*Como elaborar projetos de pesquisa*”, de 1996, de Antonio Carlos Gil, também foi de grande contribuição para elucidar dúvidas a respeito da construção da metodologia e estruturação do artigo. Dele foi retirado quais seriam os melhores métodos para elaboração dessa pesquisa e como proceder para conseguir atingir os objetivos estabelecidos.

A utilização de revisão bibliográfica como método na presente pesquisa se deu pela necessidade de se construir embasamento teórico dos pesquisadores sobre o tema abordado, bem como para possibilitar novos olhares acerca do objeto de estudo central.

Prosseguindo, foi pesquisado sobre o ocorrido, as denúncias de assédio verbal e sexual que as profissionais estavam sofrendo, em 14 de junho de 2018, durante a copa da Rússia, enquanto pela primeira vez era possível ouvir a voz de uma mulher narrando um jogo em uma Copa do Mundo de Futebol. Enquanto isso, no outro canto da Rússia os assédios a jornalistas mulheres, enquanto desempenhavam suas funções durante a transmissão do evento esportivo, também eram alvo de repercussão.

O método de pesquisa exploratória foi escolhido por ir de encontro ao buscado no início da proposta: se aproximar do fato, o motivo que leva as mulheres a terem tanta dificuldade a ascenderem na profissão de jornalista esportiva. A ideia era focar a luz onde se encontrava escuridão tornando assim o fato mais explícito.

Discussão

Uma vez que diversas mulheres tenham o desejo de ingressar na carreira de jornalista esportiva, isso não é simples por motivos que envolvem a história do gênero feminino e da profissão que é ocupada em predominância por homens. Joan Scott nos traz a seguinte reflexão:

a proliferação de estudos de caso na história das mulheres parece exigir uma perspectiva sintética que possa explicar as continuidades e descontinuidades e dar conta das desigualdades persistentes, mas também das experiências sociais radicalmente diferentes (SCOTT, 1986, p. 5).

Durante 88 anos não se teve grande representatividade no campo futebolístico, dadas as circunstâncias de que não haviam mulheres ocupando microfones em narrações do maior e mais esperado campeonato do esporte no mundo. Em 2018, enquanto a Copa do Mundo acontecia na Rússia, três mulheres tiveram a oportunidade de fazer história por terem sido as primeiras narradoras de um jogo nesse campeonato de grande visibilidade.

Vanessa Riche foi contratada pelo canal FOX para comandar um projeto chamado Narradoras, que selecionaria mulheres para narrar jogos da Copa na Rússia. Vanessa tem 46 anos, é formada em Publicidade pela antiga Universidade Gama Filho e como formação complementar fez curso de locução. Como experiência profissional Vanessa trabalhou em emissoras de rádio durante sete anos, teve uma longa passagem pela Rede Globo, onde obteve destaque ao noticiar o sequestro do ônibus 174, caso que aconteceu em 2000 no Rio de Janeiro e teve enorme repercussão. Sua paixão pelo jornalismo esportivo se despertou após as olimpíadas de Sydney, em 2000, e, assim, entrou para a equipe do canal SporTV, em 2005. Passaram-se quatro meses desde sua demissão pela SporTV e contratação da FOX Sports. O projeto Narradoras se tornou o Narra Quem Sabe, que Vanessa como idealizadora obteve o comando e foi responsável pelas apresentações.

O concurso Narra Quem Sabe, da FOX Sports, foi uma competição aberta, a qual obteve 300 inscritos, dentre elas 15 homens. Após o processo de seleção, apenas seis candidatas foram escolhidas para passar por um treinamento intensivo de um mês e meio na sede da FOX, e três seriam as responsáveis por narrar os jogos que seriam transmitidas no canal FOX Sports 2. O resultado foi anunciado ao vivo, na noite de 12 de maio de 2018, pela idealizadora do projeto, Vanessa Richie. As três vencedoras do Narradoras foram: Isabelly Moraes; Manuela Avena; Renata Silveira.

Isabelly Moraes, 20, mineira, estudante de Comunicação Social na UFMG, acumula algumas conquistas na área, sendo, por exemplo, a primeira mulher a narrar um jogo em Minas Gerais. Esse feito foi conquistado por meio da Rádio Inconfidência.

Além disso, das três narradoras, Isabelly teve o privilégio de narrar o primeiro jogo da Copa do Mundo na Rússia, em 2018.

Manuela Avena, 29, baiana, formada em Publicidade, com Pós-Graduação em Gestão Esportiva, narrou o primeiro jogo do Brasil na Rússia. Das três narradoras, Manuela era a mais iniciante, pois essa foi sua primeira narração. Ela não tinha pretensão de seguir a narração como uma carreira no Jornalismo Esportivo, uma vez que já era repórter e não tinha lidado diretamente com essa modalidade profissional.

Renata Silveira, 28, foi responsável por narrar o jogo da final do campeonato. Formada em Educação Física, com Pós-Graduação em Jornalismo Esportivo e já havia tido experiência com narração de jogos durante a Copa do Mundo de Futebol de 2014 em Web Rádio. Das três narradoras vencedoras do projeto de Vanessa Richie, Renata Silveira foi a única a assinar contrato com a emissora após o fim dos jogos da Copa. Carrega, então, o título de primeira contratada da emissora para o cargo de narradora esportiva. Renata

Essas três narradoras enfrentaram muita resistência, preconceito e *hate* nas redes sociais. Todavia, elas não foram as únicas mulheres a sofrerem essas situações durante o trabalho. Na mesma competição, outras jornalistas foram violentadas e assediadas. Isso, infelizmente, nos leva de encontro à realidade de quase todas as mulheres, conforme aponta Saffioti (2004, p. 49):

Os dados de campo demonstram que 19% das mulheres declararam, espontaneamente, haver sofrido algum tipo de violência da parte de homens, 16% relatando casos de violência física, 2% de violência psicológica, e 1% de assédio sexual. Quando estimuladas, no entanto, 43% das investigadas admitem ter sofrido violência sexista, um terço delas relatando ter sido vítimas de violência física, 27% revelando ter vivido situações de violência psíquica, e 11% haver experimentado o sofrimento causado por assédio sexual. Trata-se, pois, de quase a metade das brasileiras. Os 57% restantes devem ter sofrido alguma modalidade de violência, e não as considerando, porém, como tal.

A autora defende, ainda, que grande parte das mulheres brasileiras sequer compreende que já sofreu violência. Tal situação deve-se ao fato de que a violência pode ser relativa e ir de acordo com aquilo que cada uma toma por violência, bem como em relação ao grau de gravidade que cada mulher visualiza nas circunstâncias da vida.

Durante as exibições dos jogos as narradoras tiveram seu trabalho desvalidado e boicotado por espectadores, que pararam de assistir ao canal por conta de terem aberto as portas para mulheres estrelarem nesse ramo consolidado como masculino. Outros, não satisfeitos, também xingaram, ofenderam e fizeram queixas nas redes sociais e matérias que abordavam a presença dessas jornalistas esportivas nesse posto de trabalho da narração.

Outro caso de violência às mulheres jornalistas do esporte também ganhou destaque na mídia internacional. Trata-se do caso da repórter que foi interrompida em seu trabalho, durante uma transmissão ao vivo para o seu país de origem, por um beijo sem consentimento de um homem que passava na rua.

Resultados

Durante todo o evento esportivo, muitos foram os casos registrados de assédio e violência contra as mulheres. O site de notícias El País publicou diversas matérias, dentre elas uma mais detalhada que serviu para nos ajudar a adentrar nos resultados obtidos, principalmente em relação à matéria escolhida na UOL, que traz comentários anônimos acerca do tema.

El País

A manchete da primeira matéria jornalística (Figura 1) já choca pela violência da interrupção do trabalho da jornalista. Uma mulher exerce a função de repórter, cobrindo a abertura da Copa do Mundo, e um homem a suspende da transmissão com um beijo sem autorização.

Figura 1 – Manchete do El País



Fonte: El País, 2019.

No decorrer dessa matéria ve-se outros exemplos de assédio verbal e podemos notar que não foram casos isolados. Contudo, para a realização da presente pesquisa delimitou-se o recorte de duas para uma exemplificação sucinta e objetiva.

Figura 2 – Trecho retirado da matéria do El País

Ao mesmo tempo em que comprova sua dimensão festiva e multicultural a cada quatro anos, a [Copa do Mundo masculina de futebol](#) também expõe o caráter universal do machismo. Mal começou e o evento já registra casos de [homens, de diferentes nacionalidades, assediando mulheres](#) que circulam pelas [cidades-sede na Rússia](#), sobretudo profissionais de imprensa.

Fonte: El País, 2019.

Neste trecho (Figura 2) é possível observar o começo de uma discussão acerca dos assédios sofridos por mulheres durante a Copa no país sede, apontando também a discussão sobre o cenário que o presente artigo buscou retratar: as profissionais da imprensa do Jornalismo.

Figura 3 – Trecho retirado da matéria do El País

No jogo entre Argentina e Islândia, fora do estádio de Nizhny Novgorod, um torcedor islandês fantasiado ameaçou interromper com gracejos a entrada ao vivo da repórter Agos Larocca, da ESPN, mas foi impedido por um produtor. Em frente a um dos portões de saída, [a reportagem do jornal Superesportes registrou o momento](#) em que dois torcedores argentinos assediaram e tentaram roubar um beijo de uma compatriota jornalista, que precisou se defender com o braço e o microfone para breca a aproximação dos agressores.

Fonte: El País, 2019.

Já nesse trecho da matéria (Figura 3) compreende-se a gravidade das investidas que as mulheres tiveram de lidar durante a competição. Mencionando, inclusive, o caso em que necessitou apenas um homem tomar partido em defesa da mulher para que o agressor parasse suas atitudes.

As jornalistas se depararam com demonstrações vorazes oriundas do patriarcado. As repórteres estavam mais suscetíveis ao assédio que as jornalistas que fizeram a cobertura do evento dentro dos estúdios.

Site UOL – Dibradoras

As Dibradoras são três mulheres apaixonadas por esporte que coordenam um blog na UOL. Sendo assim, não deixou de se destacar nas notícias do período sobre a primeira vez que uma Copa do Mundo teria vozes femininas na narração. E foi desse modo que acabaram se deparando com diversos comentários com cunho machista, como pode-se averiguar abaixo na Figura 4.

Figura 4 – Manchete da Matéria do UOL



Pela 1ª vez, Copa terá narração feminina: o que vem depois?

Renata Mendonça
12/06/2018 14h17



Fonte: UOL, 2019.

Apesar de se tratar de um espaço composto por mulheres e destinado para mulheres, ao analisar os comentários das matérias selecionadas, do El País e UOL, foram encontrados dois tipos de comentários: (1) contrário às narrações femininas na Copa do Mundo de 2018; e (2) a demonstração de boa recepção à tal feito midiático contemporâneo, sendo esse tipo de comentário presente em menor número.

Figura 5 – Comentários mais curtidos na matéria do site UOL

Todos **Mais curtidos**

 olecramsss 12/06/2018 20h13

sei q iriei ser boicotado...mas vcs só podem estar de brincadeira....mulher no futebol e chato...não sabem nada de futebol... chatas narrando....pior ainda comentando..... eu só respeito 2 mulheres no futebol 1 Regiane ritter, e a jornalista marlcuci Martins... o resto são falam besteiras e não sabem nada...sao duas exceções....e como exceções fazem a regra....

👍 10 | 🗨️ Responder | Respostas (5) ▾ | 🚩

 Miguelitto 12/06/2018 20h58

é tipo assim: foi o homem quem inventou o futebol, o foi homem quem inventou o campo e as marcações, a bola, as regras, os uniformes, foi o homem quem inventou a eletricidade, a internet, os componentes, a TV, a Fibra Optica, foi o homem quem cavou buraco pra colocar postes, passou a fiação de poste em poste, criou as ruas, inventou o automovel, agora depois que ta tudo prontinho, as mulheres querem que os direitos sejam iguais, e nem querem mais limpar fogão....putzzz, quem vai dizer que a realidade histórica é machismo

👍 6 | 🗨️ Responder | Respostas (5) ▾ | 🚩

 kavallera81 13/06/2018 08h59

Eu sei lá cara, acho que podiam ir experimentando aos poucos, coloca em outros esportes, pra gente ir acostumando, não jogar do nada em uma copa do mundo...DESCulpa ai, mas não é nada com relação a machismo ou homem vs mulher, é a penas um costume em um ambiente tão aclamado por nós homens...

👍 3 | 🗨️ Responder | 🚩

Fonte: UOL, 2019.

Ao organizar por mais curtidos, conforme a Figura 5 demonstra acima, notou-se que os primeiros três comentários eram aqueles contrários à narração das mulheres. Criou-se um aspecto de que os espectadores desse site se mostraram contra a presença das mulheres no meio do esporte, mais especificamente futebol.

Figura 6 – Comentários menos curtidos na matéria do site UOL



Marco143 12/06/2018 21h01

Não vejo problema nenhum , vai ser bom tirar a narração da mesmice .

0 | Responder |



"Ka" 12/06/2018 19h50

Qual a dificuldade de Contrata-las para narrar , outras competições além do futebol , as categorias esportivas são vastas e com certeza as narrações com vozes femininas enriqueceriam as trasmissões , falta boa vontade , O El tem alguns narradores sofrível , que só gritam , a Vivi Falconi é muito melhor e a Fox Sports quando se juntar com a ESPN poderia ampliar e incluir essas Profissionais que narraram a Copa Russia , seria masi justo e Inteligente , incluir a mulher em todas as areas do esporte , inclusive na narração.

0 | Responder |



Diego Mota 12/06/2018 19h35

Lugar de mulher, é onde ela quiser. Garanto que competência não faltará.

0 | Responder | Respostas (2) |

Fonte: UOL, 2019.

Enquanto isso, para exemplificar o outro lado, os menos curtidos (Figura 6) foram três comentários que se demonstraram favoráveis à presença dessas mulheres na Copa do Mundo.

Do total de 49 comentários avaliados apenas sete se mostraram mais abertos à participação das mulheres trabalhando na narração futebolística. Podendo, desse modo, tração um panorama de como a sociedade ainda se manifesta despreparada para ver mulheres ocupando os mesmos encargos que os homens.

Comentário Comparativo

Acredita-se que por o público ter a sua maioria masculina, é mais comum ver mulheres nas ruas, cobrindo o evento, do que em estúdio fazendo a cobertura interna. Aparentemente, o trabalho interno incomodou mais aos homens espectadores. Em contrapartida, na situação oposta, os homens sentiram mais liberdade e posse sobre as

jornalistas na rua. Elas estavam expostas tanto no estúdio quanto nas ruas. Em cada local o tipo de violência era lido através de diferentes pontos de vista dos sujeitos.

Considerações Finais

Em um ambiente dominado por homens o espaço separado para a mulher ainda é o de beleza estética para atender aos desejos masculinos. Quando uma mulher decide ingressar na carreira de jornalismo esportivo ela encontra uma enorme barreira construída pelo gênero dominante dessa área, os homens, sejam eles outros profissionais ou somente seus espectadores.

Durante todo o processo foi possível notar que embora algumas pessoas se mostrem abertas às mulheres no esporte, como jornalistas, elas permanecem tendo que lidar com o preconceito e violência constantes, uma vez que o gênero dominante necessita dessa supressão do crescimento feminino, como afirma Heleieth Saffioti (2004) em sua obra.

Enquanto homens ensaiam boicotes para retirarem do ar, ou manterem as mulheres onde e como estão, a parcela da sociedade que não concorda com essa desigualdade deve unir forças e fazer resistência a isso. Para tentar diminuir o estigma de “rosto bonito” ou do corpo para satisfazer e servir aos homens, uma medida, mesmo que paliativa, seria dar preferência a jornais esportivos que tenham mulheres à frente em posições de comando e destaque.

Aos espectadores de programas esportivos também cabe o papel de cobrar respeito para as profissionais dessa área do jornalismo, prezando pela equidade na divisão de cargos entre os gêneros. E, principalmente, as mulheres que consomem esse tipo de informação pedirem por mais representatividade e buscarem compor esse cenário profissional.

Referências

APÓS sucesso na Copa, narradora Renata Silveira é contratada pela FOX. Super Notícia FM, 2018. Disponível em: <<https://www.otempo.com.br/superfc/ap%C3%B3s-sucesso-na-copa-narradora-renata-silveira-%C3%A9-contratada-pela-fox-1.2031428>>. Acesso em: 23 de abr. de 2019.

CARVALHO, B.; CARNEIRO, L. FOX Sports contrata a apresentadora Vanessa Riche, ex-SporTV. UOL, 2018. Disponível em: <<https://uolesportvetv.blogosfera.uol.com.br/2018/02/15/fox-sports-contrata-a-apresentadora-vanessa-riche-ex-sportv/>>. Acesso em: 23 de abr. de 2019.

GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. São Paulo: Atlas, 2002.

KUSUMOTO, M.; ALMEIDA, L. Copa na TV: Fox tem as primeiras narradoras de jogos da Copa do Mundo. Veja, 2018. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/placar/fox-tera-narradoras-e-comentarista-que-estudou-russo-para-a-copa-conheca/>>. Acesso em: 23 de abr. de 2019.

MENDONÇA, R. Pela 1ª vez, copa terá narração feminina: o que vem depois? Dibradora, 2019. Disponível em: <<https://dibradoras.blogosfera.uol.com.br/2018/06/12/pela-1a-vez-copa-tera-narracao-feminina-o-que-vem-depois/>>. Acesso em: 25 de mar. de 2019.

NEVES, M.; LIMA, T. 'Narra quem sabe': L! mostra perfil da candidata Manuela Avena. Lance, 2018. Disponível em: <<https://www.lance.com.br/fora-de-campo/narra-quem-sabe-conheca-manuela-avena.html>>. Acesso em: 23 de abr. de 2019.

PIRES, B. “Um dia vai ser natural ouvir um jogo com a narração de mulheres” El País, 2019. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2018/06/24/deportes/1529866954_045222.html>. Acesso em: 23 de abr. de 2019.

PIRES, B. A árdua missão de ser mulher e repórter em uma copa. El País, 2019. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2018/06/18/deportes/1529354611_738461.html>. Acesso em: 25 de mar. de 2019.

SAFFIOTI, H. Gênero Patriarcado Violência. 2 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2004.

SCOTT, J. W. Gênero: Uma categoria útil para análise histórica. EUA: American Historical Review, 1986.

VANESSA Richie. Memória Globo, 2016. Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/perfis/profissionais/vanessa-riche/vanessa-riche-trajetoria.htm>>. Acesso em: 23 de abr. de 2019.